

EFEITO RETÓRICO DAS HISTÓRIAS ANEDÓTICAS NA BIOPSIKOGRÁFIA DE PLUTARCO

Joaquim Pinheiro

University of Madeira, Portugal

Abstract

Plutarch, a Greek biographer of the imperial period (1st and 2nd centuries A.D.), finds support on different occasions in short jokes, in order to describe his Greek and Roman heroes. In a selection of some of these jokes, we intend to analyse the matter, the context and the rhetorical effect that they bring to the narrative and their contribution to the formation of the main characters' *ethos*. The texts analyzed show that Plutarch controls the rhetorical potential of *chreiai* and the contribution of these short episodes to the heroes' psychological or physical characterization. It should be also noted that Plutarch did not identify, in many cases, the source from which he collected these stories. In the same way, it is not clear who was the author leading him to the use of anecdotes, though an influence of cynical philosophy is to be suspected.

Key words: Plutarch's lives; Ancient biography; Classical rhetoric; Anecdotes; *Chreia*.

A leitura dos principais biógrafos da Antiguidade, como Cornélio Nepos, Suetónio ou Plutarco, deixa perceber que a anedota é um elemento muito presente na estrutura narrativa. No caso da biopsicografia de Plutarco, tema do nosso trabalho, a história anedótica, além de conferir um certo tom pitoresco e patético à narrativa, vale, ainda, pela sua curiosidade temática e sobretudo por auxiliar o autor no objectivo de construir um código moral, mediante a imagem do herói. Da mesma forma que Aristóteles (*Retórica* 1396) considera que as máximas dotam o discurso de um "carácter ético", também as anedotas desempenham esse papel em Plutarco, ainda que não se possa dizer que sejam um elemento estruturador das biografias. Note-se, ainda, que o relato de factos anedóticos nos coloca, por um lado, a dificuldade de identificação da fonte usada pelo autor ou, por outro, quando sabemos qual a fonte, perceber até que ponto se alterou ou não o conteúdo e o seu sentido.

Ao contrário do que acontece na narrativa biográfica de Suetónio, em que as anedotas, como reflexo dos rumores que circulavam e do ambiente de intriga que envolvia as personalidades políticas, tinham os próprios imperadores como protagonistas, nas biografias de Plutarco, por sua vez, isso acontece com menos frequência, uma vez que se prefere o efeito alusivo, em detrimento de uma anedota que conte uma história em que o biografado esteja envolvido, verificando-se muitas

vezes que o efeito anedótico é transmitido por meio de uma citação. Aliás, a citação, o provérbio, a comparação e a anedota são recursos retóricos característicos do estilo biográfico, que testemunham a erudição eclética do autor. Além destes recursos, Plutarco, como outros autores, consegue o efeito humorístico a partir da distorção semântica ou com jogos de palavras, cujo sentido se encontra, em vários casos, implícito na etimologia dos vocábulos usados.

Admite-se, com poucas reservas, que a produção biográfica durante o período helenístico terá influenciado decisivamente a biografia política de Plutarco, contudo não há certezas quanto ao autor que introduziu as histórias anedóticas neste género. Para A. Momigliano (1991:111 ss.) terá sido Aristóxeno, discípulo de Aristóteles e o primeiro autor de biografias no Liceu, parece-nos, no entanto, que a falta de textos não permite atribuir um papel tão relevante a este discípulo de Aristóteles. Apesar disso, as *Vidas Paralelas* de Plutarco, biógrafo grego dos séculos I e II, não deixam dúvidas quanto às potencialidades da anedota na construção do retrato psicológico. O estilo breve e puramente narrativo da anedota contém, por um lado, elementos miméticos, por vezes de dimensão dramática ou irónica, e, por outro, tem por finalidade exemplificar, ilustrar ou clarificar a mensagem moral do autor. Aliás, o valor pedagógico da anedota é reconhecido, na Antiguidade, ao ser incorporado nos exercícios preparatórios (*progymasmata*) de gramática e de retórica (cf. Kennedy 1983: 25). Nesse sentido, a anedota assume um papel retórico relevante na construção biográfica, sobretudo por completar a argumentação e apoiar a caracterização do perfil ético-moral do herói.

Nas *Vidas Paralelas*, Plutarco recupera algumas das características que foram autonomizando o género biográfico desde a época clássica, mas é imperioso acrescentar que ele desenvolve um intenso labor de indagação histórica, de forma a compreender a *physis* e o *ethos* do ser humano, entrando muitas vezes no campo da filosofia. Problematiza a relação da *arete* e da *tyche* com os acontecimentos, como sucede, por exemplo, na biografia de Alexandre, detendo-se mais no perfil psicológico e ético dos protagonistas e narrando, por vezes com um tom dramático, as suas emoções e os desejos (*pathe*), em detrimento da *pragmatike historia*, uma vez que a metodologia histórica é, para o autor, um meio para o objectivo central: aprofundar o *ethos* do indivíduo, dando a anedota um contributo importante na elaboração, por vezes, idealizada do relato dos feitos do biografado ou da sua própria *physis*.

Interessa, por isso, perceber como é possível conciliar-se o relato de anedotas com a intenção de escrever biografia e não história, como a declaração de princípios do prólogo da biografia de Alexandre:¹

Ao escrevermos neste livro a vida do rei Alexandre e de César, por quem Pompeio foi derrotado, por causa do grande número de acções que servem

¹ 1-3; cf. *Fábio Máximo* 16 e *Galba* 2; T. Duff (2002r: 5) salienta a influência desta concepção de biografia na actualidade; este mesmo estudioso considera que é errado aplicar este manifesto a todas as *Vidas Paralelas*, pois Plutarco pretende distinguir a sua biografia de Alexandre dos outros trabalhos historiográficos (*ibidem*: 14 ss.).

de fundamento ao assunto, não diremos outra coisa em jeito de prólogo senão pedir aos leitores que, se não contarmos de forma exaustiva todos e cada um dos célebres feitos, mas resumirmos a maioria, não nos censurem. Na verdade, nós não escrevemos histórias mas biografias, nem a demonstração da virtude ou do vício está, por completo, nas acções mais extraordinárias; pelo contrário, muitas vezes um acto irrelevante, uma palavra ou uma brincadeira testemunham melhor o carácter do que os combates com inumeráveis mortos ou os maiores alinhamentos de exércitos e assédios a cidades. Tal como os pintores querem captar as semelhanças a partir da face e da expressão dos olhos, que são um reflexo do carácter, preocupando-se muito pouco com o resto do corpo, de igual modo nós devemos dar mais atenção aos sinais da alma e, mediante estes, representar cada vida, deixando a outros os feitos grandiosos e os combates.

Plutarco deixa, desta forma, claro que não é seu intuito escrever histórias, mas vidas², numa declaração muito semelhante à de Políbio (10.21), e que, além disso, o leitor — o aviso serve também para o actual leitor que deve ter em conta a intencionalidade de Plutarco, ainda que possa lamentar o facto de ele nem sempre ter sido fiel no uso das fontes ou não ter sido mais preciso e exaustivo na identificação de personagens ou no relato de acontecimentos que incorporam os *bioi* — não deve esperar o relato completo dos grandes feitos, pois a virtude (*arete*) e o vício (*kakia*) podem ser melhor observados nas pequenas demonstrações do carácter humano³. Convicto disso, será a partir de pequenos episódios que são normais na vida quotidiana, e muitas vezes anedóticos (cf. Barbu (1976: 134 ss.)), que Plutarco delineará o *ethos*⁴. Isso mesmo deixa perceber na biografia de Sólon (27.1) ao afirmar (tradução de D. Leão (1999)):

Quanto ao seu [de Sólon] encontro com Creso, alguns são de opinião que não passa de uma invenção, argumentando com a cronologia. Pela minha parte, contudo, um relato assim famoso, atestado por tantos testemunhos e, o que é mais importante, conforme ao carácter de Sólon e digno da sua

² Em *Sólon* 2.1, *Péricles* 2.4 e *Catão de Útica* 12.2 *historia* surge com o sentido de “conhecimento” que se adquire por meio da experiência e do contacto directo; pode também significar “narração” ou “compilação de narrações, em especial quando Plutarco se refere às fontes (cf. *Teseu* 26.3, *Rómulo* 2.8, *Emílio Paulo* 19.7, *Pompeio* 37.3, *Catão Censor* 12.6, *Demóstenes* 30.1, *António* 82.4, *Temístocles* 32.4); por sua vez, em *Demóstenes* 2.1, *Catão de Útica* 12.1; *Teseu* 1.2, *Nícias* 1.5, *Címon* 2.5, *Fábio Máximo* 1.1 e *Emílio Paulo* 1.1, chama *historia* ao texto que pretende escrever, mas também aí parece estar mais próximo do sentido herodotiano de “pesquisa” do que de “obra histórica”.

³ Em *Nícias* 1.1-5, lembra, de igual modo, aos leitores que não tem a intenção de rivalizar com Tucídides ou Timeu, mas de procurar pormenores que exemplifiquem o carácter e o comportamento do biografado, deixando de referir aquilo que não contribui para essa análise. As palavras ou discursos são, por vezes, mais reveladores do carácter de um indivíduo do que os feitos (cf. *Obras Morais* 330E (cf. *Obras Morais* 172D), *Fócion* 5 e *Comparação Demóstenes-Cícero* 1.4.) e do que a própria fisionomia (cf. *Catão Censor* 7.3; *Obras Morais* 137E); vide H. Tracy (1941-2: 213-6).

⁴ Sobre o estilo mimético neste prólogo vide Frazier (1992: 4489 ss.).

magnanimidade e sabedoria, não me parece que seja o de pôr de lado à conta de uns quadros cronológicos, que um ror de estudiosos procurou, até hoje, sem que tenham conseguido reduzir as contradições a algum resultado que eles próprios aceitem.

Desta forma, a anedota não prejudica a verdade histórica, apenas se torna uma forma de captar pormenores, com maior capacidade ilustrativa, num processo de encontro narrativo entre anedota e história⁵, bastante usual na biografia. Mesmo quando está convencido de que a versão popular ou anedótica de um acontecimento revela fragilidades, Plutarco não deixa de a expor, uma vez que isso contribui para tornar a outra versão mais consistente (cf. *Sólon* 8-9).

O biógrafo sacrifica muitas vezes a ordem cronológica nas vidas, em favor da organização temática, chegando a interromper a narração cronológica para se deter na descrição e análise do *ethos* (cf. Polman (1974: 169-77)). Esses períodos, pouco extensos, são por vezes preenchidos com relatos anedóticos (*chreiai*), recurso retórico que, enquanto exercício intelectual e moral, pode servir para exemplificar uma qualidade admirável, para clarificar alguma característica ou para ilustrar melhor a acção⁶ e suscitar no leitor a reflexão⁷, enquadrando-se no sentido ético da narrativa (cf. Aristóteles, *Retórica* 1395b 13-17 e 1417b 16-25), como era apanágio da literatura da Segunda Sofística⁸. Na verdade, as anedotas, intercaladas com algumas narrações dramáticas e múltiplas citações, apoiam e aperfeiçoam a análise que o autor faz dos comportamentos humanos e permitem-nos entender os condicionalismos que a história impõe ao percurso normal de um indivíduo, ou mesmo à sua natureza (*physis*), uma vez que elas também servem para mostrar a ambiguidade do carácter, como é o caso da biografia de Lisandro (2.7-8), onde Plutarco confronta a virtude e o interesse patriótico.

Antes de recorrermos directamente ao texto das *Vidas Paralelas*, convém referir que, de acordo com a retórica clássica, a anedota ou *chreia* representa algo e integra-se no texto segundo algumas técnicas de manipulação, em especial três, definidas pelo sofista alexandrino Élio Téon: forma de comentário ou exemplo; apoio à objecção; ou recurso para expandir uma noção ou uma opinião. Em Plutarco, por exemplo, a anedota é sobretudo usada como meio de exemplificação ou comentário. Quanto ao conteúdo temático, diríamos que as anedotas, um testemunho da literatura gnómica, podem ser de carácter histórico ou mítico, de cariz erótico ou simplesmente a reprodução de uma história maravilhosa. Nesse

⁵ Barbu (1976: 136 e ss.); o autor identifica vários exemplos, mesmo alguns casos em que Plutarco hesita entre as versões que apresenta.

⁶ Beck (2000: 15-32) analisa o papel da anedota na descrição do carácter, resumizando a concepção aristotélica sobre esta matéria. Para ele, “the term *anecdote* will be treated as a blanket term referring to what Plutarch would have called *χρείαι*, *ἀπομνημονεύματα* and *ἀποφθέγματα*, with the *chreia* being a briefer version of the other two” (15); vide também Dillon (2004: 183-209).

⁷ Cf. e.g. *Comparação Pilopemen-Flaminio* 2.6; *Comparação Demóstenes-Cícero* 4.4; *Comparação Pelópidas-Marcelo* 1.7-8.

⁸ Sobre o humor em Plutarco, vide Fernández Delgado (1996: 381-403).

sentido, seleccionámos algumas dessas histórias, em especial das biografias de Catão Censor e Alcibiades.

Começemos por Catão Censor, para quem uma das ocasiões em que mais se arrependeu na sua vida foi ter confiado um segredo a uma mulher. Conhecido pela sua austeridade e por um paradigmático sentido ético na vida política, Catão merece, contudo, a crítica de Plutarco por não respeitar os animais, uma vez que para poupar o dinheiro do transporte marítimo abandonou o seu cavalo na Hispânia. Isso para o autor não é justo, pois tanto as pessoas como os animais não devem ser tratados como as sandálias ou utensílios que gastos pelo uso se deitam fora. Dentro deste contexto, conta histórias exemplares relativas ao respeito pelos animais: as éguas que ajudaram Címon a vencer em três corridas nos Jogos Olímpicos mereceram um túmulo junto do seu; os cães que mereceram honras fúnebres, tendo inclusive Xantipo, pai de Péricles, sepultado o seu cão num promontório; ou a história das mulas que, durante a construção de uma parte do Pártenon, foram libertadas para descansar, mas uma delas, por sua vontade, regressou para animar as outras que trabalhavam, facto que terá impressionado os Atenenses, a ponto de decretarem que essa mula devia ser alimentada até ao fim da sua vida com fundos públicos. Ora, parece evidente que estas breves histórias em sequência servem apenas para exemplificar e contextualizar a humanidade com que os animais merecem ser tratados. Temática diferente tem a história do homem que acalentava o desejo de uma relação íntima com Catão, logo com Catão defensor do *mos maiorum*, mas este ter-lhe-á dito que não poderia viver com um homem que tinha um paladar mais sensível que o coração; ou uma outra em que sobre um inimigo que levava uma vida de libertinagem terá dito, com humor mordaz, o seguinte: “A sua mãe pensa que será uma maldição, não uma bênção, deixá-lo na terra quando ela morrer”; refira-se, ainda, quando censura o obeso com as seguintes palavras: “Como poderá ser útil à cidade um corpo que está todo ocupado, desde a metade da garganta até à virilha pelo estômago?”. Por causa da gravidade de Catão, Plutarco descreve o momento em que Catão expulsou Manílio do Senado por este ter beijado, em plena luz do dia, a esposa na presença da sua filha (cf. *Obras Morais* 139E), acrescentando o biógrafo (*Catão Censor* 17.7):

Ele [Catão] disse que a sua mulher nunca o abraçava, excepto quando havia trovões muito fortes, e que em brincadeira ela disse que ele era um homem feliz quando Júpiter trovejava.

Quanto a Alcibiades, figura de carácter camaleónico que fascinava pelo brilho da sua beleza, suscitava, no entanto, entre os Atenenses sentimentos contraditórios como tão bem expressa Aristófanes na comédia *As Rãs* 1425: “Deseja-o, mas odeia-o e quer tê-lo”. Plutarco, por sua vez, reconhece, entre outras qualidades, a sagacidade, a ambição e a versatilidade de Alcibiades, mas não deixa de criticar a forma como este se dedica à actividade política, em particular o seu estilo inebriante e luxurioso, os excessos sexuais e a forma efeminada de se vestir. Conta Plutarco que Alcibiades amava a bondade e respeitava a virtude de Sócrates (cf.

Alcibiades 4.4), sentimentos que não nutria pelos outros amantes⁹, pois tratava-os com alguma aspereza e desprezo (6.1). Um desses amantes, Ánito, convidou-o para uma festa, mas ele recusou, preferindo jantar em casa com outros amigos e, depois, já ébrio, mandar os escravos ir a casa de Ánito retirar as peças de ouro e prata. Este, porém, perante a indignação dos convidados, afirmou: “(...) Alcibiades deu provas da sua moderação e amabilidade, já que nos deixou uma parte quando podia ter levado tudo”; num outro episódio, conta como Alcibiades cortou a cauda ao seu belo cão que lhe tinha custado muito dinheiro. Às críticas de familiares e outras pessoas pela sua atitude respondeu: “Isso é exactamente o que eu quero: que os Atenienses falem deste incidente, para que não digam sobre mim coisas piores” (9). Num outro passo da biografia, relata-se o encontro de Alcibiades com um professor das primeiras letras (*grammatodidaskalos*), onde fica registado o seu interesse por Homero e o sarcasmo na resposta ao professor de crianças que afirmava ter corrigido Homero (*Alcibiades* 7.1):

Ao passar a idade infantil parou junto de uma escola para crianças e pediu um livro de Homero. Como o professor lhe respondeu que não tinha nenhum de Homero, Alcibiades deu-lhe um murro e continuou a andar. Quando um outro professor lhe disse que tinha um de Homero corrigido por ele mesmo, disse de imediato: “Ensinas as letras às crianças quando és capaz de corrigir Homero? Por que motivo não ensinas os jovens?!”

Além de revelar o carácter de Alcibiades, este episódio anedótico é interessante por nos dar a conhecer a matéria de ensino do *grammatodidaskalos*: era um professor de literatura, de nível elementar, não de teoria ou crítica literária, assuntos que ficavam para um nível mais avançado.

Estes e outros exemplos de histórias anedóticas, disseminados pelas *Vidas Paralelas* e, sobretudo, pelas *Obras Morais*, demonstram como, por um lado, Plutarco domina a técnica retórica e, por outro, a diversidade da sua erudição, aproveitando o sentido alusivo da anedota, como acontece na biografia de Alexandre ao intercalar a descrição da *paideia* do Macedónio com o célebre episódio em que domina o agitado cavalo Bucéfalo para admiração de todos, em especial do pai. Note-se, ainda, que o facto de se encontrarem em algumas biografias e tratados morais sequências de histórias anedóticas tem levado alguns estudiosos a ponderar a hipótese de Plutarco ter à sua disposição um catálogo dessas histórias. Não era certamente um dos objectivos do biógrafo escrever com humor, nem foi isso que tornou a sua obra tão apreciada entre Erasmo, Shakespeare, Montaigne, Rousseau, Almeida Garret ou Oliveira Martins, até porque ele critica a comicidade efusiva de Aristófanes, por oposição ao humor moderado de Menandro. No entanto, é de salientar que, além do efeito retórico da anedota na narrativa biográfica, a escrita de Plutarco, pejada de mensagens valores morais e éticos, aproveita os vários recursos retóricos enunciados para, com algum

⁹ Plutarco conta algumas histórias anedóticas sobre a relação de Alcibiades com os amantes em 4.5 e 5.

humor, possivelmente influenciado pela filosofia cínica, atenuar o tom mais sério da instrução.

Registe-se, por fim, que em muitos casos o relato anedótico surge por meio de uma citação¹⁰. Assim sucede, por exemplo, no tratado *Da educação das crianças*, num texto com um carregado sentido humorístico e com evidentes conotações eróticas:¹¹

Quando Filadelfo casou com a sua irmã Arsínoe, Sótades¹² por dizer: “Espetas o teu agulhão num buraco não puro”, ficou na prisão por muitos anos e cumpriu uma sentença justa por causa da sua tagarelice inoportuna. É que por fazer rir os outros, chorou ele durante muito tempo.

Não será o caso do texto citado, mas acredita-se que o humor plutarquiano terá sido influenciado pela filosofia cínica pelo tom caústico e mordaz, talvez por influência de Bión de Borístenes, que podemos encontrar, sobretudo, nas *Obras Morais*, em particular no tratado conhecido por *Grilo*, em que Plutarco compara animais e homens, num registo que se aproxima da fábula ou da *ethopoia*.

References

Barbu, N. (1976). *Les procédés de la peinture des caractères et la vérité historique dans le biographies de Plutarque*. Roma: “L’Erma” di Bretschneider.

Beck, M. (1996). Anecdote and the representation of Plutarch’s ethos. *Rhetorical Theory and Praxis in Plutarch, Acta of IVth International Congress of the International Plutarch Society*. July 3-6. (pp. 15-32). Louvain: L. Van der Stockt.

Dillon, J. (2004). *Morality and custom in ancient Greece*. Indiana: Indiana University Press.

Duff, T. (2002). *Plutarch’s lives. Exploring virtue and vice*. Oxford: Oxford University Press.

Fernández Delgado, J. (1996). El sentido del humor de Plutarco. In J. A. Fernández Delgado, & F. Pordomingo Pardo (Eds.), *Estudios sobre Plutarco: Aspectos Formales, Actas del IV Simposio Español sobre Plutarco (Salamanca, 26 a 28 de Mayo de 1994)* (pp. 381-403). Salamanca: Universidad de Salamanca, Ediciones Clásicas.

Frazier, F. (1992). Contribution à l’étude de la composition des ‘Vies’ de Plutarque: l’élaboration des grandes scènes. *ANRW II.33.6*, 4487-4535.

¹⁰ Em *Pompeio* 1.1, Plutarco inicia a biografia com a citação de um verso do *Prometeu libertado* de Ésquilo para introduzir o tema do ódio que os Romanos sentiam pelo pai de Pompeio.

¹¹ 11A (tradução de J. Pinheiro, 2008).

¹² De origem incerta, sabe-se, no entanto, que foi autor de poemas obscenos, no tempo de Ptolomeu II Filadelfo (287-247).

Kennedy, G.A. (1983). *Greek rhetoric and Christian emperors*. Princeton: Wipf & Stock Publishers.

Leão, D.F. (1999). *Plutarco. Vida de Sólon*. Lisboa: Relógio d' Água.

Momigliano, A. (1991). *La naissance de la biographie en Grèce Ancienne*. Strasbourg: Circé.

Pinheiro, J. (2008). *Plutarco. Da educação das crianças*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

Polman, G. (1974). Chronological biography and *Aakme* in Plutarch. *CPh*, 69, 169-177.